

51/04/01
Pt 63 ex 4
(1/2)
A Manhã, Suplemento Literário.

Letras e Artes

Domingo, 1-7-1951

SUPLEMENTO DE "A MANHÃ"

Ano 6.º — N.º 213

EXISTE, entre os especialistas em história e ciências sociais, certo pendor para confundir categorias e técnicas de investigação completamente distintas quanto aos objetivos colimados. E', assim, que se tornou muito comum, entre historiadores e sociólogos, o tratamento indiscriminado de questões que pertencem a esferas ou níveis de conhecimento bem diversos. O problema da "metodologia" da história e sociologia, por exemplo, apresenta-se com os característicos próprios a esse grupo de ciências e deve ser resolvido de acôrdo com as possibilidades e os limites dessas respectivas disciplinas.

O planejamento da investigação histórica ou social obedece a certas regras metodológicas, submete-se a determinados canones que a prática e a experiência referendam como eficientes e objetivamente válidos. Mas tudo isso pouco ou nada tem de comum com a "metodologia científica" da história e da sociologia, cuja principal finalidade é verificar se a técnica utilizada pela física e pelas disciplinas naturais poderia ser estendida ao domínio do conhecimento histórico-cultural.

A extensão do método científico aos problemas da história, as questões relacionadas com as diferenças ou analogias entre conhecimento histórico e conhecimento natural, a índole das leis que regem a evolução das instituições e das formas sociais, eis a série de temas que recai dentro do âmbito da metodologia crítica. Essa metodologia crítica ainda não se instalou no centro das preocupações historiográficas: ela cede facilmente o seu lugar a comentários e divagações mais ou menos irresponsáveis sobre o caráter científico da história e da sociologia, sem uma clara definição de propósitos e diretrizes.

Concordo inteiramente com o sr. Sérgio Buarque de Holanda quando ele, em resposta ao meu artigo, assinala as falhas e os irremediáveis desvios de uma "sociométrica" deficitária que con-segue apenas caricaturar a técnica de mensuração objetiva, introduzida nas ciências físicas e naturais. Não será, portanto, pela subordinação estrita aos critérios puramente quantitativos do naturalismo "fiscalista" que se obterá qualquer resultado no campo da historiografia e das disciplinas sociais. O que se torna indispensável frisar, desde o início, é que os critérios de mensuração válidos para o domínio das ciências exatas não poderiam ser transferidos, sem maiores precauções, para o campo da história e da sociologia.

Os trabalhos de G. A. Lundberg e S. C. Dodd, apesar de seu inegável mérito no sentido de imprimir consistência e validade científica aos estudos sociológicos, incidem no erro elementar de pretender reduzir o fato social ao fenômeno físico. A afirmação de que as diferenças entre os dados da sociologia e os processos das disciplinas físicas são mais aparentes do que reais — revela singular disposição de espírito para a aceitação dos dogmas de um naturalismo cientificista, sem exame prévio de suas absurdas reivindicações.



"PARSIFAL" — ODILON REDON

Artigo referente à polémica
com Eurýzalo Canabralva

NATUREZA E SOCIEDADE

EURYALO CANNABRAVA

Nada mais ingênuo do que negar que o fato social apresenta características irreduzíveis a qualquer outra ordem de fenômenos naturais. Desconhecer essa circunstância seria o mesmo que admitir a possibilidade de converter os processos da vida mental ao conjunto de reações físico-químicas. A última observação nos sugere que a origem desse poderoso movimento e renovação científica dos quadros da sociologia tradicional se inspira diretamente na tentativa behaviorista de reduzir os fatores psíquicos aos seus concomitantes fisiológicos e orgânicos.

O programa reducionista am-

plia-se, assim, do campo da psicologia para a esfera dos fenômenos sociais, conservando o mesmo aparelhamento técnico e metodológico e incidindo nos mesmos artifícios e confusões. Os erros cometidos por Moreno e Garwitsch em matéria técnica de mensuração encontram perfeito correspondente nas falhas da obra de Lundberg e Dodd quanto ao intuito de descobrir afinidades substanciais entre o físico e o social. Nada disso, porém, nos impede de tomar um rumo diferente, evitando cautelosamente a in-

continência sociométrica de um e a ingenuidade reducionista de outro...

Acitando a sociologia como disciplina autônoma, resta-nos a tarefa de descrever as fases de sua transformação gradativa em corpo sistemático de conhecimentos científicos. É inegável que as disciplinas sociais, como a economia e a psicologia, ainda não definiram claramente em que consiste a sua "unidade de medida". Todas as tentativas até agora realizadas estão longe de se mostrarem satisfatórias, mesmo para os

menos exigentes em matéria de mensuração. Acredito que os termos problemas em função de nos da questão devam ser radicalmente modificados: em vez de admitir problemas sociais e históricos que o método da sociologia e da história viriam elucidar, seria preferível definir esses mesmos método previamente formulado.

Sei perfeitamente que os sociólogos e historiadores de meu país não hesitariam em repelir tais propósitos como indignos e criminosos, condenando o seu autor por incompetência nas suas res-

pectivas especialidades. Nada disso, porém, me convencerá da perfeita inexequibilidade do plano acima delineado. Por que motivo ficarei impedido de definir os problemas em função do método ao invés de definir o método em função dos problemas? A situação nas disciplinas historiográficas seria a seguinte: a natureza e classificação das fontes históricas, a sua maior ou menor credibilidade e os recursos para a sua análise interpretativa passariam a depender do método científico indicado e não o contrário, como se verifica habitualmente.

Esse método científico, apoiado na técnica moderna da teoria das probabilidades, seria puramente indutivo, isto é, formularia hipóteses apoiadas nas evidências disponíveis. Diante de várias hipóteses sobre os mesmos problemas históricos, cumpre verificar o grau de confirmação, fornecido pelos fatos e documentos, às diferentes suposições em debate. Os que consideram a situação das ciências físicas e naturais incomparavelmente superiores ao que se observa no domínio da história e da sociologia, deveriam lembrar-se de que a questão toda está em aperfeiçoar o método adequado à caracterização e controle das evidências para a confirmação das hipóteses formuladas.

Ora, conhecendo-se o ostensivo desprezo de historiadores e sociólogos, sobretudo os primeiros, por qualquer espécie de preparo científico e de iniciação rigorosa nas suas especialidades, fácil será deduzir que o atraso de tais ciências, comumente denominadas inexatas, não necessita explicação mais laboriosa. Se os especialistas em história e sociologia ignoram o que se passa nas ciências positivas, como atribuir-lhes o direito de condenar as tentativas de sistematização daquelas disciplinas mediante a introdução de novos critérios? A verdade é que a negligência em se informar sobre as mais recentes aquisições da lógica matemática e da teoria da ciência, coloca os supostos gênios da história e da sociologia em uma posição difícil de ser mantida.

Nenhum deles deveria ficar indiferente ao progresso da técnica de mensuração em ciências físicas e naturais. Não para imitá-la servilmente, como pretendem alguns especialistas em ciências sociais. Mas, sobretudo, para fazer idêntica precisa do atraso e da insuficiência técnica de suas especialidades. Sem saber até que ponto as outras ciências evoluíram, como poder julgar com isenção e conhecimento de causa a verdadeira situação da história e da sociologia, sob o ponto de vista metodológico? Não alimentar ilusões descabidas e manter consciência alerta dos limites e das falhas da própria especialidade que se cultiva, constitui requisito fundamental para a superação de obstáculos aparentemente irremovíveis.

É necessário reconhecer que as novas concepções científicas tornaram insustentável a maioria das teses dominantes em história e sociologia. O temor de que a metodologia científica, reformada em seus fundamentos, elimine o mito obscurantista de que existem limites intransponíveis ao progresso da técnica de mensuração e de análise explica perfeitamente o combate movido às novas idéias.

Não julgue o leitor, porém, que pretenda incluir o sr. Sérgio Buarque de Holanda no grupo dos espíritos menos receptivos à renovação técnica da história e das ciências sociais. Antes pelo contrário, o seu ceticismo parece dirigir-se contra tentativas pouco rigorosas, no sentido de que elas causam a impressão de que não existem obstáculos à aplicação do método científico à história e sociologia. O que irrita o sociólogo e crítico paulista é o otimismo fácil, a alegre confiança em um instrumento de análise que começou a produzir os seus primeiros

Artigo referente à polémica com Euryalo Cannabrava